

O LUGAR QUE O SUJEITO- -ENUNCIADOR ATRIBUI PARA SI EM SEU DISCURSO: ANÁLISE DE UM SERMÃO DE SÃO BERNARDO DE CLARAVAL

Mário Sérgio Batista*

Resumo: Neste artigo será analisado o lugar que o sujeito-enunciador São Bernardo de Claraival atribui para si em seu discurso, tendo como material para a análise um recorte do seu *Sermão sobre o Cântico* 61.3, da obra “*Sermones sobre o Cantar de los Cantares*”. A análise desse texto será feita observando os pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, em teóricos como Maingueneau, Charaudeau, dentre outros.

Palavras-chave: Enunciação. São Bernardo de Claraival. Sujeito-enunciador.

INTRODUÇÃO

Este texto procura analisar o discurso de São Bernardo de Claraival, homem religioso que viveu no século 12, abade dedicado à vida monacal e à Regra de São Bento. Observa-se que o fundamento principal da sua teologia é o conhecimento que o homem deve ter de si mesmo e de Deus para alcançar a verdadeira sabedoria e a felicidade. Os seus textos, especialmente os sermões, foram proferidos em um mosteiro, tendo originalmente os monges como enunciatários. De acordo com a compreensão da época, o mosteiro era o lugar propício para o desenvolvimento da santidade e da piedade. Era o lugar de encontro entre a criatura e seu Criador. Perceber o lugar que o sujeito-enunciador atribui para si em seu discurso, construindo nele a sua imagem, passa obrigatoriamente pela compreensão da formação discursiva e ideológica que se materializam no enunciado, pois “o lugar que engendra o *ethos* é o discurso, o *logos* do orador, e esse lugar se mostra apenas mediante escolhas feitas por ele” (AMOSSY, 2008, p. 31). Diante disso, com base nos pressupostos

* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) – São Paulo – SP – Brasil. E-mail: mariosergiobatista@gmail.com

teóricos da AD de linha francesa, transcreve-se o recorte do *Sermão sobre o Cântico* 61.3, que será analisado neste texto.

Falando com franqueza, onde há verdadeiro repouso e firme segurança para os enfermos e os fracos, senão nas chagas do Salvador? Eu tão mais seguro habito ali, quanto mais poderoso é para me salvar. O mundo clama, o corpo me oprime, o Diabo me assedia. Eu não caio, porque me firmo sobre a rocha firme. Se cometo algum pecado grave, minha consciência se turva, porém não ficará confusa porque me lembrarei das chagas do Senhor.

O LUGAR DO SUJEITO-ENUNCIADOR EM SÃO BERNARDO DE CLARAVAL

De início, percebe-se no recorte apontado na introdução que há um encadeamento linear lógico, o qual obedece a uma estrutura sequencial, possibilitando o seu entendimento sem maiores problemas, apresentando um enunciado elaborado no qual aponta para uma conclusão em detrimento de outra, ou seja, todos os méritos da salvação estão na pessoa de Cristo Jesus.

A voz que assume o enunciado: “falando com franqueza, onde há verdadeiro repouso e firme segurança para os enfermos e fracos, senão nas chagas do Salvador?”, é a voz de um cristão, afirmando ser o “Salvador”, o único que pode oferecer o verdadeiro repouso para os enfermos e fracos, por trazer as chagas em seu corpo.

Para alinhar o seu pensamento, apresentando-se com alguém que fala com franqueza, o sujeito-enunciador recorre à seguinte pergunta retórica: “onde há verdadeiro repouso e firme segurança para os enfermos e fracos, senão nas chagas do Salvador?” Com esse procedimento, ele ativa a memória dos seus enunciatários para um fato ocorrido no passado, mas que deveria estar sempre presente em suas mentes, a saber: que o sofrimento de Jesus Cristo, enfatizado “nas chagas do Salvador”, tem implicações reais e eficazes para suas vidas.

Considerando que o contexto da enunciação era de um sermão, pode-se dizer, então, que a intenção do sujeito-enunciador era convencer os seus enunciatários da real necessidade de se reconhecerem como fracos e enfermos, depositando confiança apenas em Jesus Cristo, pois o “verdadeiro repouso e firme segurança para os enfermos e fracos” só serão encontrados na pessoa do “Salvador”, apresentado no texto como aquele que carrega no próprio corpo as “chagas”, ou seja, as marcas do sofrimento e da dor.

Jesus Cristo é apresentado como o verdadeiro abrigo que deve ser procurado por todos aqueles que estão cansados, fracos ou doentes, nele não há ilusões ou enganos, pois Jesus Cristo conquistou aquilo que os seus seguidores estavam à procura. O efeito de sentido é que o verdadeiro repouso está em reconhecer que o “Salvador” já sofreu na própria carne todas as dores e aflições pelos seus seguidores. As “chagas do Salvador” são a prova cabal dessa verdade.

Prosseguindo na análise do texto temos: “Eu tão mais seguro habito ali, quanto mais poderoso é para me salvar. O mundo clama, o corpo me oprime, o Diabo me assedia. Eu não caio, porque me firmo sobre a rocha firme”.

De acordo com Brandão (1991), a imagem do sujeito no texto, (aquele que é o responsável pelo dizer) pelo acontecimento da enunciação, é identificada por

meio das marcas de pessoa, pois é a ele que se refere o pronome “eu” e as outras marcas da primeira pessoa.

Assim sendo, percebem-se essas marcas claramente como seguem: 1. Pelo pronome pessoal do caso reto: “*Eu* tão mais seguro habito ali”; “*Eu* não caio”; 2. Pelo pronome pessoal do caso oblíquo: “Quanto mais poderoso é para *me* salvar”; “O mundo clama, o corpo *me* oprime, o Diabo *me* assedia. Eu não caio, porque *me* firmo sobre a rocha firme”; 3. Pelas desinências número-pessoal dos verbos (1ª pessoa do singular): “Eu tão mais seguro *habito* ali”, “Eu não *caio*, porque *me* *firmo* sobre a rocha firme”. Com esse procedimento, evidencia-se que o sujeito-enunciador se coloca na cena enunciativa, se responsabilizando por aquilo que enuncia.

Conforme pontua Charaudeau (2008, p. 174, grifos do autor), o procedimento enunciativo que permite ao sujeito-enunciador se colocar na cena enunciativa é a enunciação elocutiva:

Com a ajuda de pronomes pessoais de primeira pessoa acompanhados de verbos modais, de advérbios e de qualificativos que revelam a implicação do orador e descrevem seu ponto de vista pessoal: “eu contesto”, “eu estou certo de que juntos venceremos”, “nós somos capazes de modernizar nosso país”, “Eu decidi ser candidato”, “Eu confesso a vocês que [...]”. “Ao menos é a minha opinião”.

Portanto, ao usar o pronome pessoal da primeira pessoa do singular “eu”, construindo o enunciado: “Eu tão mais seguro habito ali, quanto mais poderoso é para me salvar”, o sujeito-enunciador se insere na cena enunciativa com a intenção de apresentar a própria experiência pessoal com alguém que é poderoso para salvá-lo. É o “eu” falando de si mesmo.

Acredita-se que essa cenografia não foi construída por acaso, onde o sujeito-enunciador pretende harmonizá-la com a segurança que os enfermos e fracos podem ter nas chagas do Salvador. A intensificação dessa segurança é acentuada pelas expressões: “tão mais” e “quanto mais”, sugerindo que em nenhum outro lugar se encontrará a verdadeira segurança oferecida pelas “chagas do Salvador”.

O emprego do advérbio de lugar “ali”, na frase: “eu tão mais seguro habito ali”, remete os enunciatários para as “chagas do Salvador”, onde eles encontrarão o verdadeiro repouso para as suas vidas, para as suas almas cansadas e fracas. A segurança e a eficácia das “chagas do Salvador” é enfatizada pelo uso dos advérbios de intensidade: “tão” e “quanto”.

Ao enunciar: “quanto mais poderoso é para me salvar”, o sujeito-enunciador se coloca mais uma vez na cena enunciativa com a intenção de explicitar que ele tem consciência da sua incapacidade de obter por si mesmo a sua salvação, por isso lança toda a sua confiança nos méritos do Salvador, criando a imagem de alguém que reconhece, por um lado, a sua debilidade humana; e, por outro, a força e o poder que o seu Senhor tem para vencer o Diabo e salvá-lo.

A intenção do sujeito-enunciador ao afirmar: “O mundo clama, o corpo me oprime, o Diabo me assedia. Eu não caio, porque me firmo sobre a rocha firme”, é a de mostrar a existência de um embate entre as forças do bem e do mal, na

qual ele sofre realmente as tentativas do Diabo na sua vida. Há uma incansável investida feita contra os “enfermos e fracos”, quer seja pelas circunstâncias internas “o corpo me oprime”, ou pelas externas “o Diabo me assedia”, e é, por isso que se precisa de um Salvador, pois nenhum cristão está isento das lutas e provações constantes.

O quadro desse embate é desenhado do seguinte modo: de um lado, a força do bem, representada implicitamente pela pessoa de Jesus Cristo – o uso da metáfora “rocha firme”; sustenta essa ideia. Do outro lado, a força do mal, representada explicitamente pelo “mundo que clama”, pelo “corpo que oprime” e pelo “assédio do Diabo”; contudo, ele “não cai”.

A análise do texto permite perceber que há uma luta constante contra aqueles que querem seguir este Salvador o qual traz em seu corpo as marcas do seu sofrimento, pois ninguém está isento das investidas do Diabo, razão pela qual o sujeito-enunciador declara: “O mundo clama, o corpo me oprime, o Diabo me assedia”.

A possibilidade da queda é real para todas as pessoas, contudo, o sujeito-enunciador assevera de maneira enfática: “eu não caio”. O motivo de ele permanecer firme não tem nada a ver com as suas forças; mas, por estar firmado em Jesus Cristo, a “rocha firme”.

O uso do recurso enunciativo elocutivo: “Eu não caio, porque me firmo sobre a rocha firme”, enfatiza que o sujeito-enunciador enfrenta o assédio do Diabo em sua vida, ao mesmo tempo em que demonstra a sua confiança nesse Salvador, que é a causa da sua firmeza. E ao enunciar “O mundo clama, o corpo me oprime, o Diabo me assedia. Eu não caio, porque me firmo sobre a rocha firme”, ensina que a confiança para vencer o assédio do Diabo não pode estar em si mesmo, mas na pessoa de Jesus Cristo. Ele é forte o suficiente para derrotar o Diabo e oferecer verdadeiro repouso para os enfermos e fracos. Assim, se de um lado há os “enfermos e fracos”, aqueles que precisam de ajuda, do outro, há uma “rocha firme” em que todos podem ter segurança e confiança.

Ainda com relação à metáfora “rocha firme”, considerando que o contexto era de um sermão proferido dentro de um mosteiro por um abade, para a instrução e edificação dos seus monges, é justo afirmar que a intenção do sujeito-enunciador era construir uma imagem de solidez e consistência sobre a pessoa de quem ele falava.

Sabe-se que, de modo geral, a metáfora é definida nestes termos: a substituição de uma palavra por outra; na transferência do nome de um elemento para outro, em vistas de uma relação de semelhança entre ambos.

Já para Fiorin (1989), a metáfora é procedimento discursivo de constituição de sentido e, ao usá-la, o falante rompe, de maneira calculada, as regras combinatórias das figuras, criando uma impertinência semântica que produz novos sentidos. Ela não pode ser entendida apenas como a substituição de uma palavra por outra, mas, sim, outra possibilidade de significado e interpretação de sentido, criada pelo contexto de enunciação de acordo com a intenção do sujeito-enunciador.

Evidentemente que sujeito-enunciador e enunciatários têm um contrato, um acordo e uma competência linguística que lhes permitem o uso de recurso metafórico e a sua compreensão. Conforme assevera Maingueneau (1997), os sentidos das palavras estão num contrato, num acordo entre os falantes pertencen-

tes a grupos específicos, por isso, determinadas palavras têm significado relevante para um grupo, não significando nada, em termos de comunicação e interação, para outro grupo.

Evoca-se a noção de contrato apresentada por Charaudeau (2009, p. 56), para pontuar a ideia de competência linguística entre sujeito-enunciador e enunciatário:

A noção de contrato pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais. Em decorrências disso, o sujeito comunicante sempre pode supor que o outro possui uma competência linguageira de reconhecimento análogo à sua. Nesta perspectiva, o ato de linguagem torna-se uma proposição que o EU faz ao TU e da qual ele espera uma contrapartida de convivência. (grifo do autor).

Desse modo, apoiando-se no recurso metafórico, o sujeito-enunciador encorajou os seus enunciatários a se firmarem na pessoa do Salvador, ensinando-lhes que ele é o único que pode dar-lhes segurança verdadeira, comparando a sua firmeza como a de uma rocha. Em Jesus Cristo, o sujeito-enunciador declarou ter total confiança para vencer as investidas do Diabo sobre a sua vida.

Por isso, ao enunciar “Se cometo algum pecado grave, minha consciência se turva, porém não ficará confusa porque me lembrarei das chagas do Senhor”, não parece que o sujeito-enunciador pretendia escandalizar os enunciatários, sugerindo que ele tivesse uma vida moral pervertida e desregrada, uma vida de insubmissão ou rebeldia, mas, sim, que o ato de pecar está ligado à corrupção da natureza humana.

Apoiando-se no procedimento enunciativo elocutivo, ele se aproxima dos seus enunciatários, identificando-se com eles nas suas lutas contra o pecado. Tal atitude revela um sujeito-enunciador que se reconhece como alguém sujeito ao pecado, uma pessoa que tem conhecimento da sua miséria e a corrupção da natureza humana. Revela, também, uma pessoa consciente dos efeitos negativos causados pelo pecado cometido: “minha consciência se turva”.

A classificação do pecado como “pecado grave” sugere a ideia da quebra de regras do mosteiro, sugere, também, que o pecador seja impenitente e não aceite os castigos impostos para a sua correção. Insinua, ainda, que aquele que peca tem uma luta interna, e que não consegue se livrar dos pecados que estão em sua mente, potencialmente ainda não realizados, mas que o atormentam com força incontrolável e cruel.

O sujeito-enunciador sabe das lutas, dos embates que os seus enunciatários enfrentam todos os dias e da opressão que o pecado faz em suas mentes, por isso, compartilha a própria experiência para legitimar o seu discurso ao confessar: “minha consciência se turva”. É como se estivesse confessando: “eu também peço”, e dessa confissão se depreende que o ato de pecar o incomoda.

Portanto, o sujeito-enunciador apresenta-se não apenas como alguém que discursa sobre o pecado, que filosofa sobre a fraqueza e a corrupção humana. Ele se apresenta como alguém que sofre as investidas do Diabo sobre a sua vida, como alguém que está sujeito ao pecado, mas que encontrou nas “chagas do Senhor” o alívio para a sua mente, a qual “não ficará confusa”, exatamente por

conta da experiência que ele tem com o seu Senhor, razão pela qual pode afirmar: “porque me lembrarei das chagas do Senhor”.

Nota-se, então, o ensino sobre a doutrina do perdão dos pecados, no qual, para o sujeito-enunciador, o perdão dos pecados está vinculado aos méritos daquele que sofre no próprio corpo todas as dores, todas as “chagas” para se tornar “Senhor” dos seus seguidores, daqueles que o buscam. Portanto, nenhum pecado deve ser visto como algo maior do que o sacrifício feito pelo “Senhor” e os benefícios que dele decorrem, no caso, o perdão dos pecados e a salvação eterna, conforme ensina a Igreja cristã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar o discurso religioso institucional da Igreja cristã, que ressalta a confiança na vida e obra da pessoa de Jesus Cristo. Assim, o sujeito-enunciador ancorou-se na fé evangélica, evocando o conhecimento de seus enunciatários a respeito do sofrimento de Jesus Cristo, podendo por meio do sofrimento oferecer **verdadeiro repouso** a todos os seus seguidores.

Considerando o gênero sermão como uma modalidade discursiva usada pela igreja com o propósito de persuadir os fiéis à prática cristã, sendo, em certo sentido, um instrumento de dominação e poder, e que as representações sociais impõem ao sujeito-enunciador não só o que ele deve dizer, mas também como deve se representar no mundo. Percebeu-se que o enunciado apresenta uma formação ideológica e discursiva eminentemente cristã, apontando para a vitória de Jesus Cristo sobre o pecado, dando aos seus seguidores o perdão e a certeza da salvação.

No estatuto de teólogo, o sujeito-enunciador é aquele que possui o saber teológico e está disposto a transmiti-lo os seus enunciatários, os quais ingressaram na carreira monacal para receber formação e educação cristã. No estatuto de abade, ele compartilha das suas experiências espirituais, assumindo a responsabilidade na educação dos seus filhos, ensinando-lhes o caminho da humildade e da sabedoria, reconhecendo em Jesus Cristo toda força para vencer o inimigo, atribuindo para si o lugar de homem religioso e sincero. O sujeito-enunciador enunciou a partir de um lugar ideológico que valoriza a experiência cristã, sob a perspectiva de uma vitoriosa luta espiritual, a vitória de Jesus Cristo sobre o Diabo. Essa experiência cristã é testemunhada pela segurança, intimidade e comunhão que ele tem com o seu Salvador.

THE PLACE ONE ASCRIBES TO HIMSELF IN DISCOURSE

Abstract: This article will analyze consider how the subject of enunciation St. Bernard of Clairvaux assigns to himself in his speech, based on extracts of his Sermon 61.3, from "Sermons on the Song of Songs". The analysis of the text will observe the theoretical assumptions of the French Discourse Analysis, according to the theorists Maingueneau, Charaudeau, and others.

Keywords: Enunciation. St. Bernard of Clairvaux. Subject-enunciator.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- BERNARDO, S. *Obras Completas*. Sermones sobre el Cantar de los Cantares. Tomo V. edición bilingüe. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1987.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. rev. Campinas: Unicamp, 2004.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FIORIN, J. L. (Org.). *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1989.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e texto – formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.
- ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.
- RICHÉ, P. *Vida de São Bernardo*. São Paulo: Loyola, 1991.

Recebido em 23-05-2016.

Aprovado em 23-06-2016.